

CADERNOS DO IL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

Nº 8 NOVEMBRO DE 1992

Reitor

Prof. Héglio Trindade

Diretora do Instituto de Letras

Profa. Eloína Prati dos Santos

Corpo Técnico

Rogério Oliveira Vieira

Gislaine Silva Marins

José Canisio Scher

Apoio

Pró-Reitoria de Extensão

UFRGS
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

O SONHO AMERICANO: MITO OU REALIDADE?

Dr. Paulo Warth Gick

*How many goodly creatures are there
here!*

*How beateous mankind is! O brave new
world,*

That has such peolple in't!

(The Tempest, V, 1, 1..182...)

Mas na verdade,

We are such stuff

*As dreams are made on, and our little
life*

Is rounded with a sleep.

(The Tempest, IV,1, 1.156...)

Não pude me furtar de apelar para o Bardo como uma musa inspiradora ao iniciar a falar de sonho, especialmente em se tratando do Sonho Americano -- o sonho que embala o Novo Mundo, o "Admirável Mundo Novo" desde seu descobrimento.

É minha intenção oferecer uma visão panorâmica do "sonho americano" desde seus ancestrais puritanos até o início do século XX. Será uma visão fragmentada -- como o próprio sonho o é -- e um tanto superficial e simplista, devido à vastidão de território a ser descoberto em tão pouco tempo. Mas, mesmo assim, a despeito da exiguidade de tempo, tentarei colocar o "sonho" em perspectiva, através de seus momentos de maior intensidade, ou nas ocasiões em que ele pareceu desmoronar, transformando-se em pesadelo. Apesar de tudo, o "sonho" ainda é tão presente que continua a

levar indivíduos, como Lionel Trilling, a exclamar: "A nossa é a única nação que se orgulha de um sonho e que lhe empresta o nome, o Sonho Americano." ¹

O que seria esse "sonho"? Qual sua origem? Sua Natureza? e as conseqüências de sua existência?

As origens do "sonho" coincidem com as primeiras manifestações relacionadas ao Novo Mundo, principalmente por parte das populações puritanas que, na década de 1620, começam a emigrar para a América.

Para melhor entender as nuances que colorem o "sonho" em seu estado incipiente -- quase diria pré-natal -- é necessário lembrarmos da crença Calvinista na pré-destinação e na teoria da salvação pela Graça que norteia a vida desses primeiros colonizadores. Crê-se que somente uns poucos escolhidos terão a benção da salvação, através da Graça Divina -- e tão somente através dela poderá qualquer indivíduo ser salvo. A graça é o presente de Deus e é imposta ao eleito sem que este tenha feito por merecê-la. Devido ao estado de perdição da raça humana e de sua condenação ao inferno, em virtude de pecado original, nenhum homem está em condições de "regatear" ou "comprar" a Graça Divina (como o faziam os papistas que pretendiam obter a salvação mediante obras ou esmolas).

Tendo sido escolhido, o indivíduo passa a integrar o corpo dos eleitos, os Santos da Igreja e, por serem os eleitos divinos, participam, já, da comunhão com o Senhor, na certeza da salvação eterna. A partir dessa escolha, ou eleição, o Santo assume as responsabilidades de líder do povo; torna-se também um eleitor e terá voz ativa nas assembléias da igreja, que são as mesmas que governam as colônias puritanas da Nova Inglaterra.

¹ - Citado em Walter Allen, O Sonho Americano e o Homem Moderno, Rio de Janeiro, Ed. Lidador, 1972, p.1.

Como a eleição freqüentemente coincide com a ascensão social e material do "santo", surge no seio do povo uma interpretação ingênua que equaciona a graça divina à riqueza e ao poder material e, à sua ausência, a figura do perdedor, "the loser", aquele que, por carecer da graça redentora, jamais conseguirá vencer na vida, condenado a uma existência de penúria e degradação.

Outro aspecto que decorre da situação de eleição, é o fato de que, para o povo, aquele que tem a graça dificilmente incorrerá no erro, advindo daí um forte sentimento de superioridade e auto confiança. E mais ainda, resultantes do estado de santidade, surgem a obrigação e o dever naturais de pregar e difundir os resultados da ação da graça entre os povos que ela a não estão expostos. Daí, o "destino manifesto" da raça norte-americana de ocupar todo o território americano, de costa a costa, e instituir em sua plenitude a "American Way of Life."

Temos aí, portanto, a metamorfose de uma filosofia religiosa numa teoria prática materialista. Essa transformação se dá principalmente ao longo do século XVIII, quando o racionalismo emergente não aceita, à luz do iluminismo, uma fé que exclua a qualquer um da possibilidade de salvação.

O que se encontra na América é o pragmatismo, um sistema filosófico que somente seria analisado e descrito como tal William James, em 1898, e exposto em 1906 e 1907, nas conferências que pronunciou em Massachusetts e Nova Iorque, sob o título de Pragmatismo: um novo nome para algumas velhas maneiras de pensar.² Nelas, James afirma;

Um pragmático dá as costas à abstração e a insuficiência, às soluções verbais, às

² - Allen, p.73.

*falsa razões a priori, a principios rígidos, a sistemas herméticos e pretensas origens ou absolutos. Volta-se para o concreto e o adequado, para os fatos, para a ação, para o poder.*³

A ênfase está no onírico-a experiência vai, ou não, aprovar.

James sintetiza o pensamento norte-americano: o americano é impaciente com o que é aceito ou tradicional. Deleita-se em resolver problemas técnicos e crê que o único critério de sucesso é o funcional e num consenso generalizado de que o que existe no presente é provisório porque pertence ao momento e o futuro será melhor. A ênfase é colocada sempre no resultado.⁴

Embora a noção de povo eleito, de raça escolhida para povoar o Novo Mundo, longe do domínio do Velho Mundo com sua aristocracia decadente e de sua religiosidade viciada, se realcione, à primeira vista com as colônias da Nova Inglaterra, um sentimento semelhante emerge também nas outras colônias da Nova Inglaterra, um sentimento semelhante ao direito de se auto-determinar, de escolher para si um sistema de leis e regras que torne tolrável a vida de todos, na ausência de um corpo governante aristocrático parasitário.

William Penn, em 1681, escreve para os povoadores de sua Colônia, a Pennsylvania:

Espero que não se perturbem com a mudança e com a escolha do Rei, pois não estais agora à mercê de qualquer

³ - Allen, p.73.

⁴ - Allen, p.73.

*governador que venha para aumentar sua fortuna; sereis governados por leis feitas por vós mesmos e vivereis como um povo livre e, se o quizerdes, sábio e trabalhador.*⁵

O que ficara para trás, no além-mar, é coisa do passado e o novo homem nessa nova terra, precisa re-inventar-se, re-decifrando a própria natureza que o cerca.

A ausência da aristocracia faz de todo cidadão um membro de uma sociedade de iguais, com responsabilidades iguais e com os mesmos direitos, pelo menos na teoria. Na Declaração dos Direitos, está explicitado o "direito à vida e à liberdade, dotado dos meios de adquirir e possuir propriedades e de buscar e obter a felicidade e a segurança."

A pujança da nova terra de modo geral, torna possível a criação e o fortalecimento de uma nova estrutura social que reflita condignamente a bondade divina. No Novo Mundo, essa bondade não é restrita aos reis e à nobreza. Na ausência desses, ela é compartilhada por muitos. Entre os colonos Quakers da Pennsylvania, crê-se que a graça divina é parte de cada um de nós e a salvação está ao alcance de todos.

A diligência e a dedicação ao trabalho são a decorrência natural do comprometimento social de cada indivíduo.

O trabalho braçal, nas colonias, passa a ser uma experiência praticamente universal. Todos tem sua passagem por ele. A partir dessa atitude democrática e desprovida de estigma, o trabalho braçal é aceito como parte integrante da experiência de vida do americano e valorizado condignamente. Como resultado, e agora damos um salto no tempo, o americano de hoje não vê

⁵ - Allen, p.42.

com embaraço o período em que trabalhou como garçon, jardineiro, empacotador de super-mercado, ou pedreiro, enquanto batalhava para subir na vida. Promove-se assim um sentimento de igualdade entre os membros da sociedade. Se enfraquece a distinção entre classes sociais e promove-se e valoriza-se o homem útil.

Dentre os imigrantes que chegam à América colonial, surgem vozes que se pronunciam e são ouvidas na Europa. São vozes que reforçam as esperanças de mais outros tantos que esperam e sonham com uma nova ordem social. Desses que se manifestam, Hector St. Jean de Crèvecoeur, agricultor francês residente no estado de Nova Iorque, em 1783, expressa o ufanismo e o entusiasmo do homem que descobriu na América uma nova pátria:

A América não se compõe, como a Europa, de grandes senhores que possuem tudo e uma horda de povo miserável. Aqui não há famílias aristocráticas, nem cortes, nem reis, nem bispos, nem domínio eclesiástico, nem um poder bem tangível;... Os ricos e os pobres não estão tão distanciados uns dos outros como acontece na Europa. Com exceção de algumas poucas cidades, somos cultivadores do solo... unidos pelos laços sedosos de um governo brando, todos respeitando as leis sem temer o seu poder porque são equitativas... Não temos príncipes para quem trabalhamos, padecemos fome ou sangramos; somos a sociedade mais perfeita atualmente no mundo. Aqui o homem é livre como deve ser.

Sobre o povo americano, ele escreve:

O norte-americano é um novo homem, que age de acordo com princípios novos; tem necessariamente que acalentar novas idéias e formar novas opiniões. Da inatividade forçada, da dependência servil, da penúria e do trabalho inútil, ele passou para o trabalho de natureza bem diferente, recompensado pela farta subsistência. Isso é um norte-americano.⁶

A sociedade ideal descrita por Crèvecoeur é, na realidade, a versão do "sonho americano" do século XVIII. Essa visão e o sentimento de otimismo que dela advém são compartilhados pela grande maioria dos americanos. Do teólogo Jonathan Edwards, responsável pelo último momento de revivalismo puritano, ao sulista Thomas Jefferson, principal redator da Declaração da Independência e do Tratado dos Direitos Humanos, ao cosmólita Benjamin Franklin, o verdadeiro protótipo do "self-made man", mesmo em seus momentos mais reacionários, não conseguem dissimular sua firme convicção de que um continente inexplorado, conhecendo os erros do passado, por que haveria de falhar o ser humano em seu ideal de criar uma nova sociedade, digna de suas melhores esperanças, planos e sonhos?

A Europa dos fins do século XVIII conhece a revolta generalizada contra a autoridade política e religiosa. essa revolta é seguida de perto por outra - a revolta contra o domínio da razão. A consequência desses movimentos é a eclosão do Romantismo.

Nos Estados Unidos esses movimentos que vêm da Europa vão reforçar o despertar da consciência

⁶ - Allen, p.2,3.

natural. A jovem nação está em busca de si mesma, de uma história, de uma tradição nacional. O movimento romântico alimenta nos jovens patriotas o nacionalismo arrebatado e ufanista. Mais uma vez são negadas as tradições européias. Voltam-se todos os olhos, esforços e interesses na direção do Oeste e, ao constatarem a vastidão do continente a ser explorado, grande é seu regozijo.⁷

O Oeste assume papel da nova terra prometida, em substituição da superlotada costa leste americana. É lá, na direção do Poente, que "o sonho americano" voltará a acalentar as esperanças de populações migrantes em busca da auto-realização e do sucesso.

"Nós vamo até onde dé prá chegá. Nós vamo p'roeste! Tem um mundo de coisa nova p'rá eu vê!" afirmara a avó, ainda menina, de Arrowsmith, o herói do romance homônimo de Sinclair Lewis.⁸ Eles iam não só para ver, mas para construir, a partir da "wilderness", do mundo selvagem e indomado, de pura matéria prima pronta para ser moldada, trabalhada, transformada em riqueza, prosperidade e progresso. Era a glorificação da conquista da natureza em sua plenitude.

Repete-se, novamente, o comportamento de rejeição que houvera há pouco mais de um século e meio antes. Desta feita, a civilização do Leste americano assume o papel que a Europa ocidental havia tido quando do início da colonização. Os valores do Leste já se encontravam ultrapassados. É também nessa época, no período entre 1855 e 1870, que eclodem as três grandes crises nacionais: o ideal agrário que Jefferson defendera choca-se com ideal industrial que

7 - Robert Spiller, The Cycle of American Literature, New York, Macmillan Co. 1955, p.38

8 - Citado em Michael T. Gilmore, Ed., Early American Literature, Englewood Cliffs, N.J., Prentice Hall, 1980, p.173. (minha tradução).

havia sido apregoadado por Hamilton, a aristocracia rural do Sul vai declarar guerra à aristocracia mercantil do Norte; e o Leste, culturalmente maduro, vai ser desafiado pelo oeste, em expansão, ainda culturalmente rude. Dessas três questões fundamentais, a terceira virá refletir-se de modo mais decisivo na literatura e poderia ser sintetizada como o confronto do idealismo do Leste versus o realismo do Oeste. É essa discrepância entre ideal e realidade que constitui a força geradora de uma sociedade livre, que lhe imprime a dinâmica da mudança.⁹

Provenientes de todas as regiões da costa-leste --e em grandes números da Nova Inglaterra-- os colonizadores do Oeste trazem consigo a filosofia do materialismo Yankee, democrático, agrário, cheio de confiança em si mesmo. O que outrora possuía uma forte carga negativa -- o "yankee" era tido como cheio de esperteza, astúcia e frieza de cálculo-- recebe uma re-leitura e transforma o novo homem num ser cheio de capacidade inventiva, adaptabilidade, empreendimento e versatilidade.

A pobreza e a origem humilde dão uma dimensão maior às conquistas dos colonos. O contraste entre o berço rude e o sucesso, faz com que a vitória do "self-made man" adquira maior valor.

Entre os colonos que empreendem a conquista do Oeste "selvagem" encontram-se grandes números de imigrantes estrangeiros recentes. A imigração que, até 1860 havia trazido à América do Norte cerca de cinco milhões de pessoas, traria outros cinco milhões somente na década de 1880.¹⁰ Essas multidões atraídas pelo "sonho americano", cuja fama ultrapassara as fronteiras do país de origem, e passara a ser divulgado no estrangeiro servindo como um atrativo à

9 - Spiller, p.101.

10 - Luther Luedtke. ed, Making America, Washington D.C., USIA, 1987, p.74.

mão de obra barata, não só da Europa, como também da Ásia e América Latina. A esperança de ver-se transformado em cidadão pleno, com direito a ser ouvido, de participar no processo de construção de uma sociedade e do estabelecimento de condições de vida dignas de um ser humano, atrai as massas que, em seus países de origem, são considerados pouco mais do que um rebanho humano, sem condições de alcançar um mínimo de dignidade.

Em sua maioria de origem urbana, esses imigrantes amontoam-se nas cidades maiores, portos de entrada do país. Boston, Nova Iorque e Brooklin tem mais de cinquenta por cento de suas populações constituídas de estrangeiros. Esse fato nos faz lembrar de Crèvecoeur que procura descrever a população norte-americana do século XVIII em que vive:

*Seus habitantes são uma mistura de ingleses, escoceses, irlandeses, franceses, holandeses, alemães e suecos. Dessa raça promiscua surgiu esse povo, hoje chamado norte-americano.*¹¹

Na verdade, o novo influxo populacional traz também indivíduos do Leste europeu e da região da Europa mediterrânea, principalmente, além dos escandinavos e irlandeses.

Como seria previsível, no entanto, as populações que chegam na esperança de fazer fortuna em pouco tempo, se deparam com uma realidade cem diferente da esperada. A terra prometida mostra-se hostil e difícil de conquistar. Mesmo assim, no Novo Mundo havia sempre a possibilidade de que "o sonho" pudesse realizar-se. E eles estavam preparados para o trabalho duro, pois

¹¹ - Allen, p.3.

sua vida nos países de origem sempre fora uma constante e dura batalha pela sobrevivência.

Os novos cidadãos, a despeito das diferenças culturais que os separam dos habitantes mais antigos, tentam integrar-se, na medida do possível, à nova sociedade, procurando esquecer o passado, olhando esperançosos para o futuro.

A precariedade das condições de vida das populações urbanas do Leste, abala o idealismo cultural que insiste em fazer vistas grossas à realidade que o cerca. A corrente realista originária do Oeste alcança o Leste e a constatação da qualidade de vida das "slums" urbanas origina uma onda de questionamentos sobre o "sonho" que trouxera tantos esperançosos à nova pátria. O que ocorrerá com o "Sonho Americano"? Qual seria sua natureza real? Quem sabe, o sonho que embalara inúmeras gerações de americanos estivera calcado em ideias imaginárias, sem qualquer fundamentação na realidade?

O que dizer, porém, daqueles que haviam se feito do nada? dos que haviam galgado a escadaria do sucesso? dos que agora ocupavam os lugares de honra na sociedade, mas que até pouco tempo não passavam de meros operários?

Theodore Dreiser é um dos primeiros romancistas a mostrar o que está acontecendo e a tornar pública a transformação do "sonho americano". Corajosamente, Dreiser ergue a cortina que encobre a corrupção e desvenda a miséria-- não só material como espiritual - em que vivem milhões de pessoas. Sua triologia, O Financista (1912), O Titã (1914) e O Estóico (1947), denuncia a falta de escrúpulos, amoralidade e inclemência de um super-homem americano. Muito embora ele caia, o resultado nunca é trágico, pois o herói nunca é destruído. Triunfa sobre a morte e a vergonha. Em Irmã Carrie (1900) ele já havia colocado a trajetória ascendente de uma jovem do interior que vem à cidade grande em busca de um futuro brilhante. Após

meses de trabalho insano, para realizar seus sonhos e ambições, ela necessita lançar mão de seu charme e beleza. Ao corromper-se, ela consegue atingir o sucesso almejado.

Após Dreiser, torna-se difícil para escritores como William Dean Howells, por exemplo, descrever com otimismo a realidade urbana americana. Ele próprio um "self-made man" vindo do Oeste, Howells se acultura e defende em sua ficção um realismo idealista no qual vamos encontrar personagens como Silas Lapham, disposto a abrir mão de seus sonhos de sucesso e conquistas social, por uma vida pobre, mas honesta. Ao negar-se a levar a cabo uma negociata através da qual sua fortuna seria recuperada às custas da fortuna de um grande número de inocentes, Silas Lapham age de forma dimetralmente oposta aos "Barões Ladrões" da "Gilded Age", a "Idade Dourada." Estes não titubeiam ao esmagar e sangrar as fortunas dos incautos investidores. Não vacilam ao pisotear milhares de trabalhadores inocentes, em sua jornada rumo ao sucesso. Impressionando o público com suas fortunas fabulosas, realizando doações fantásticas, construindo museus, universidades, teatros, parques públicos e instituindo bolsas de estudos para os menos de seus heróis. De fato, o grande público prefere manter o culto ao herói bem sucedido; prefere manter viva a ilusão do "sonho", pois através da ilusão ele alimenta suas próprias esperanças de um mundo melhor.

Enquanto Dreiser expõe a trajetória de corrupção que leva ao sucesso e à realização do "sonho americano", F. Scott Fitzgerald trás o exemplo clássico do "sonho americano" realizado em termos materiais. Em O Grande Gatsby, o herói acaba assassinado por engano.

Sua morte reflete a série de equívocos nos quais baseara sua vida. Ao direcionar seus esforços no sentido do conquistar sua amada Daisy, não se apercebe que, na verdade, a Daisy real é vã e fútil, incapaz de

compreendê-lo e amá-lo, totalmente diferente da Daisy idealizada em sua fantasia.

Mas, isso é parte do "sonho".

Os norte-americanos, aos poucos, acordam para a realidade. O rompimento do isolamento em que se encontrara o país até a década de 1920, acaba de forma irremediável com a inocência do americano. Sem ela, "o sonho" se esvazia, se modifica. O "sonho" é atacado, questionado, abalado, negado.

E, se constatamos que o "sonho americano" não passa de um mito, essa descoberta o tornaria inválido?

Não creio que assim seja. O mito sempre foi e será uma das forças mais poderosas que impulsionam o homem na direção da conquista de seus ideais e da aceitação de sua própria condição de ser humano.

Mesmo que o "sonho" se tenha tornado um pesadelo, vale lembrar que Henry Miller o chama de "pesadelo refrigerado" -- e a refrigeração, mesmo em sonho, faz toda a diferença! 12

12 - Citado em Allen, p.229.

Obras Consultadas:

ALLEN, Walter. O Sonho Americano e o Homem Moderno. Rio de Janeiro: Lidador, 1972.

CLOUGH, Wilson O., Ed. Intellectual Origins of American National Thought: Pages From the Books our Founding Fathers Read. New York, Corinth Books, 1961.

CUNLIFFE, Marcus. The Literature of the United States. Middlesex, England, Penguin Books, 1954.

CURTI, Merle. The Growth of American Thought. New York, Harper & Brothers Publishers, 2ª ed., 1951.

FRANK, Joseph, Ed. Modern Essays in English. Boston, Little, Brown and Co, 1966.

GILMORE, Michael T, Ed. Early American Literature: A Collection of Critical Essays. Englewood Cliffs, N.J, Prentice Hall, 1980.

HAGUE, John A, Ed. American Character and Culture in a Changing World: Some Twentieth-century Perspectives. Westford, Conn Greenwood Press, 1979.

LUEDTKE, Luther S, Ed. Making America: The Society and and Culture of the United States. Washington .C.U.S.I.A., 1987.

SMITH, Henry Nash. Virgin Land: The American West as a Symbol and Myth. Cambridge, Mass. Harvard U. Press, 1970.

SPILLER, Robert E. The Cycle of American Literature. New York, Macmillan Co, 1955.